
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00095773 8

Vasconcellos, J. Leite de
Deuses da Lusitania

BL
980
P8
L352428

Deuses da Lusitania

Resposta ás fantasias de um censor

PELO

D.or J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português



LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
De A. M. Teixeira
Praça dos Restauradores, 20

1913

DEUSES DA LUSITANIA

Composto e impresso na
Tip. do PORTO MEDICO
Praça da Batalha — Porto

Deuses da Lusitania

Resposta ás fantasias de um censor

PELO

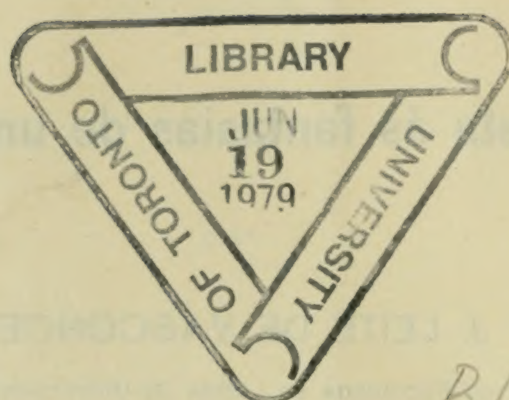
D.or J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português



LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
De A. M. Teixeira
Praça dos Restauradores, 20

1913



BL
980
P8
L352428

Com o titulo de Breves observações acerca do methodo seguido no vol. 2.º das «Religiões da Lusitania» para a leitura de certas inscripções latinas, *Lisboa 1913, publicou o Sr. G. L. Sanctos Ferreira um folheto de 24 paginas em que interpreta a seu modo várias inscripções que eu, com todo o fundamento, considerei dedicadas a divindades indigenas da Lusitania.*

No nosso acanhado campo scientifico, onde, se ha alguns investigadores serios que conhecem e applicam com proveito o methodo historico e o philologico, o geral das pessoas não fórma ideia do que esses methodos sejam, talvez que o folheto do Sr. Sanctos Ferreira, cheio como está de dogmatismo, exerça impressão no público, e cáia mesmo no espirito de certos leitores como sopa no mel, apesar da agrura do assunto: poderá pois esperar-se que eu responda.

Effectivamente vou responder, para ver se consigo dissipar aquella impressão, e para não se suppor que eu me dou por convencido do que o Sr. Ferreira assevera. Do contrário não responderia, porque o trabalho d'elle não se baseia em principios scientificos, baseia-se apenas na imaginação. Trouxesse o meu censor a lume ideias instructivas, e observações justas ao meu livro, que não pouco precisará d'ellas, — e eu seria o primeiro a applaudi-lo. Assim, só tenho de lamentar que todos nos afadiguemos sem proveito: o Sr. Ferreira, o público que por ventura o ler, e eu.

Dividirei a minha resposta em duas partes: I, refutação de alguns erros de facto; II, refutação dos erros de methodo.

I

ERROS DE FACTO

I-los-hei refutando ao acaso, conforme os notei na minha leitura do folheto.

— A pag. 6, referindo-se o Sr. Ferreira ao epigraphista allemão Emilio Hübner, a quem a Archeologia peninsular deve grandissimo incremento [1], diz que os processos d'elle são estereis, e que Hübner "foi sobre tudo insigne em *não ler* inscripções romanas: „porque uma cousa é publicar livros luxuosos com a reproducção „d'ellas, e outra coisa é *lêl-as* [2]„. É evidente que o Sr. Ferreira jàmais compulsou os volumes do *Corpus Inscriptionum Latinarum* onde appareceu o trabalho epigraphico de Hübner a que se reporta; se os houvesse compulsado, veria que se tornava impossivel dispôr as inscripções pelo modo como nesses volumes estão dispostas, ou organizar os summarios que os terminam, — summarios tão sabiamente ordenados, e tão cheios de ensinamentos —, sem ter lido, interpretado, comprehendido ou julgado as inscripções todas. Quem, como Hübner, escreveu a obra monumental que se chama *Exempla scripturae epigraphicae*, mostrará por ventura que não sabe ler inscripções romanas, e que, se fosse ainda vivo, precisaria de deixar a Universidade de Berlim para vir cá aprender a soletrá-las com o Sr. Ferreira?

1 Vid. o que a este proposito escrevi n*O Archeologo Português*, VI, 49-59.

2 Os italicos pertencem ao autor do folheto.

— A pag. 7 suppõe o celtico derivado do sanscrito. O Sr. Ferreira é ainda de bons tempos! Hoje ninguem, de mediana instrucção, proferiria tal heresia. O celtico e o sanscrito são duas lingoas irmãs, e não uma filha da outra.

— Havendo sahido numa inscripção das *Religiões*, II, 321, por lapso typographico, BANDIARBARIAIBO em vez de BANDIARBARIAICO, o que consta do titulo do capitulo, do texto, e do indice, pag. 371, lugares em que sempre se imprimiu **C** e não **B**, o Sr. Ferreira, pag. 9, cego pelo seu methodo *sui generis*, não attenta nisso, e interpreta por **BO(no)** a syllaba BO, que não existe na inscripção. Isto mostra a excellencia do tal methodo, e a consciencia do trabalho! De premissas falsas tirou conclusões que tem por verdadeiras, e com ellas argumenta!

— Na mesma inscripção lê-se AMMINVS ANDAITIAE · F, palavras que significam "Ammino, filho de Andaitia"; o Sr. Ferreira, pag. 9, inventa um B antes da segunda palavra, e apoiado nelle forja a mais extraordinaria explicação que jàmais de uma inscripção se podia dar, como na 2.ª parte do presente folheto mostrarei.

— Nomes de divindades, verosimilmente formados com suffixos, são pelo Sr. Ferreira, como adiante veremos, transtornados *ad libitum*, contra todas as regras da Epigraphia e do senso commum. Aqui os cito, juntando-lhes outros de que o Sr. Ferreira não falla, mas que estão nas mesmas circumstancias que os que elle critíca:

1) suffixo *-aicus (-aecus -aegus, -oecus, -ecus)*:

Aegiamuniaegus,
Bandiarbariaicus,
Carioeciecus,
Cusuneneoecus vel *Cusunemeoecus*,
Ilienaicus,
Revelanganitaecus,
Tiauranciaicus vel *Tiaurauciaicus*;

2) suffixo *-acus (-agus)*:

Nabiagus.
Turiacus;

3) suffixo *-icus:*

Bormanicus.
Durbedicus.
Endorellicus;

4) suffixo *-ius:*

Bandius,
Cesius:

não é necessario ser philologo para notar a concordancia que existe entre todos estes factos. — Do suffixo *-aicus* tratou em especial o Sr. Dr. Adolfo Coelho na *Revista de Guimarães*, III, 169; e as suas conclusões foram approvadas pelo Sr. H. Gaidoz na *Revista Lusitana*, I, 278. Ao mesmo suffixo e a todos os restantes me refiro nas *Religiões*, II e III, nos lugares respectivos.

— Admira-se o Sr. Ferreira, por exemplo, pag. 11, da pouca sonoridade dos nomes dos nossos deuses, e quer inferir d'ahi provas contra a leitura dos textos. Em verdade nomes como *Revelanganitaecus*, *Tiauranciaicus* ou *Tiaurauciaicus*, *Aegiamuniaegus*, e outros, poderão soar desagradavelmente a ouvidos não habituados á phonetica de lingoas estranhas. Não é isso porém motivo para suspeitar da exactidão de taes nomes. Já os Gregos e os Romanos achavam pouco harmonicas as lingoas peninsulares: Estrabão, por exemplo, depois de referir os nomes de varios povos ibericos, como *Pleutauri*, *Bardyetae* e *Allotrigae*, diz que omitte "outros ainda piores de pronunciar„ [1]; Pomponio Mela affirma que existem cá povos e rios cujos nomes uma boca romana é incapaz de reproduzir [2]. Que valor

[1] *Geographia*, III, III, 7.
[2] *Chorographia*, III, § 15.

tem pois a admiração do Sr. Ferreira? É acaso *Bandiarbariaicus* mais aspero do que *Pleutauri*?

— Outro motivo de estranheza para o Sr. Ferreira, pag. 6, está em serem unicos alguns dos monumentos em que ha inscripções consagradas a divindades. Forte estranheza! Como se da remota antiguidade em que tratei na minha obra pudessemos esperar que chegassem até nós monumentos a rodos! Se ao menos apparecesse um monumento para cada um dos numerosos deuses que havia, motivo teriamos de nos alegrarmos; mas nem isso! Quantos deuses não ficarão ainda na sombra! E a prova está em que constantemente apparecem outros. Já depois de publicado o vol. II da minha obra, o nosso pantheon se enriqueceu com alguns mais: *Revelanganitaecus*, *Tueraeus* (com terminação analoga á de *Mirobieus*), *Macarius*, etc.: vid. *Religiões*, vol. III, pag. 196 ss. e 612.

— Uma inscripção simplicissima, como esta: *Arentio Sunua Camali f(ilia) v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*, que publiquei nas *Religiões*, II, 322, e reproduzi no vol. III, pag. 208, inscripção que ninguem que saiba um pouco de latim deixará de traduzir por "Sunua, filha de Camalo, cumpriu de boa mente o voto que fizera a *Arentius*" (isto é: ao deus *Arentius*), é completamente desvirtuada pelo Sr. Ferreira, que a pag. 20 substitue a traducção por verdadeiros desconcertos, o que adiante se mostrará. Nem ao menos reparou que n*O Archeologo Português*, XII, 177, publicára o Sr. Tavares Proença outra inscripção em que ao nome do deus vem associado o da sua páredra ou companheira, como em outros muitos casos acontece: *Arentius* e *Arentia*. Depois d'isso, nas *Religiões*, III, 209, dei noticia de outra inscripção com *Arentius*. Temos pois *Arentius* **tres vezes**, sem contar *Arentia*, que é o feminino d'aquelle nome; e o Sr. Ferreira ainda a duvidar da existencia de *Arentius*! Até onde chega a obcecação!

— A pag. 20 traz á balha o Sr. Ferreira a inscripção que publiquei nas *Religiões*, II, 323, em que se lê *Revelanganidaeigui*, nome de um deus, em dativo. Não viu porém o que, já depois de sahido á luz aquelle volume, o Dr. Felix Alves Pereira e eu escrevemos n*O Archeologo*, XIV, 169 ss. e 253 ss., e outra vez eu no

vol. III das *Religiões*, pag. 209 ss., a respeito de uma inscripção em que, tambem em dativo, se lê *Revelanganitaeco*, — do que se apurou que *Revelanganidaeigui* é um dativo iberico ou indigena, e *Revelanganitaeco* um dativo latino, vindo pois o nome do deus a ser respectivamente, em nominativo, *Revelanganidaeigus* e *Revelanganitaecus*, da mesma maneira que Ἀπόλλων é *Apollo* em latim. Apesar d'esta nitidez dos factos, o Sr. Ferreira devaneia de modo absurdissimo, como na 2.ª parte do presente opusculo se verá.

— Existem varias inscripções em que ás palavras *deo*, *sancto* e congeneres, se segue, tambem em dativo, o correspondente nome proprio, por exemplo:

deo Aerno,
deo Turiaco,
deo dómeno Cusuneneoeco vel *Cusunemeoeco*,
sancto Runeso:

pois o Sr. Ferreira, postergando os mais elementares principios da Grammatica latina e da Epigraphia, decompõe fantasticamente, como veremos, os nomes proprios em palavras latinas; ora, se *Aernus*, *Turiacus*, etc., não são nomes de deuses indigenas, então não ha certeza em cousa alguma d'este mundo. Á gravidade do que fica ponderado accresce que o Sr. Ferreira não procurou informar-se do que sobre o assunto se publicou depois do apparecimento do meu volume, senão veria que outra inscripção consagrada ao deus *Aernus* foi publicada n*O Archeologo*, XIII, 184-186, pelo Rev.º Francisco Manoel Alves, e reproduzida por mim nas *Religiões*, III, 217-218: e o Sr. Ferreira a declarar a pag. 5 do seu folheto que tem "por unico objectivo o esclarecimento da verdade"! Não está má esta verdade! *Aernus* apparece nos textos epigraphicos **tres vezes**; em uma das inscripções lê-se mesmo DEO · AERNO ·, com as palavras separadas por pontos: pois nem assim o Sr. Ferreira se convence da exactidão da leitura do nome!

— A pag. 14, transcrevendo uma inscripção das *Religiões*, II, 324, das mais claras e das mais faceis de ler, altera-me o texto (por hypothese!), para o adaptar ás suas theorias. Onde o meu texto diz:

MILES · LEG · VI · VICT
..OTVRIACO

o que sem nenhuma dúvida significa *miles leg(ionis) VI vict(ricis) [de]o Turiaco*, ou em português "soldado da 6.ª legião, a *Vencedora*, ao deus *Turiacus*„ o Sr. Ferreira forja:

MILES. LEG. VI. VICTO
RIA CO

e interpreta: *miles leg(ionis) VI, Victoria(e) co(hortis)*, traduzindo: "soldado da cohorte *Victoria* da VI legião„. Por tanto supprime letras, e separa outras que na pedra estão juntas. Não contente com isto, dá a uma cohorte o nome de *Victoria!* Ora os epithetos que se juntavam á palavra *cohors*, além de irem depois, eram adjectivos, e não substantivos: dizia-se, por exemplo, *cohors Flavia*, *cohors maritima*, e não se usava dizer *cohors Victoria* ou *Victoria cohors*. Se se quisesse exprimir tal ideia, dir-se-hia *cohors victrix*, como se dizia *legio victrix*. Isto é mais que elementar! Mas a boa razão philologica iria aqui d'encontro ao meu censor, que, na sua falsa exposição, não poderia interpretar a syllaba **co**, ao passo que na lição que acima dou, ella acha justificação plenissima.

.

— Temos visto nos capitulos precedentes a fraqueza grammatical do Sr. Ferreira. Neste indicarei outras, e não de pouca monta. A pag. 13 escreve elle: *numini dedicatum Iovis Ammonis et Apollo*, traduzindo "dedicado á divindade de Jupiter Ammon e tambem a Apollo„. A pag. 20: *sanctae reinrestitae que cesae Io sacrum*, e: *aram erigit nymphae Io*, traduzindo, no primeiro caso, "consagrado á santa, readornada, mutilada Io„, e no segundo "á nympha Io erigiu esta ara„. Por conseguinte o Sr. Ferreira dá como dativos *Apollo* e *Io*, em vez de *Apollini* (classico) e *Ioni*, suppondo que ha em latim *Apollus, -i*, e *Ius, -i!* E não se póde allegar erro typographico, porque, de um lado, diz "o nome de Apollo veio aqui *por extenso*„ [1], e do outro, como vimos, repete *Io* duas vezes. O mais modesto estudantinho de latim não commetteria taes barbarismos.

---

[1] O italico é seu.

— A pag. 24 diz que eu, para o estudo dos deuses da Lusitania, abstráio da lingua latina, e que não espero encontrar "nomes de divindades gregas e romanas, titulos e funcções da Republica ou do Imperio". Para desfazer esta singular accusação, bastaria folhear o vol. III das minhas *Religiões*, onde a pag. 195 ss. consagro uma extensissima secção á epoca romana. Contrariamente ao que o Sr. Ferreira propala, eu ahi trato de divindades romanas propriamente ditas, e greco-romanas, — Juppiter, Juno, Apollo, Diana, Tellus, Baccho, Esculapio, Neptuno, Marte, Victoria, Minerva, Mercurio, Venus, Cupido, Vulcano, Hercules, Fortuna, Juventus, Pietas, Pax, Concordia, Evento, Fadas, Nymphas, Genios, Lares; trato da *dea Roma*, e das divindades imperiaes; trato de divindades de origem asiatica e africana, — Cybele, Mithras, Isis, Serapis, Celeste; e bem assim de muitos titulos e funcções, como flamines, flaminicas, augustaes, archigallos, pontifices. Vêem os leitores a seriedade com que o meu censor escreve!

— Ha ainda outros erros de facto que não posso desligar da 2.ª parte do presente opusculo, e irão pois mencionados nella.

*

Do que fica exposto conclue-se que o Sr Ferreira está tão pouco possuido do seu papel de crítico e de philologo, que, a par com affirmações inexactas e baralhamento de lingoas, nem ao menos, ao avaliar uma obra baseada pela mór parte na Epigraphia, mostra conhecer o caracter do *Corpus*, ou saber traduzir com geito as mais singelas inscripções latinas; além d'isso, para apoiar hypotheses gratuitas, desfigura os textos a seu talante, e até se serve de gralhas typographicas sem dar por ellas!

II

ERROS DE METHODO

Como introducção ao assunto, devo fazer umas considerações geraes, para cabal elucidação dos leitores.

A historia da Lusitania abrange tres epocas maiores: prehistorica, que se estende dos tempos primitivos até o começo da idade dos metaes; protohistorica, que vae d'essa idade ao sec. III-II a. C.; historica, que começa no sec. III-II e chega até á idade-média. A cada uma d'estas epocas maiores faço na minha obra corresponder sua parte.

É na 2.ª parte, ou religião dos tempos protohistoricos, isto é, dos tempos dos Lusitanos propriamente ditos, que incide a crítica do Sr. Ferreira.

A religião dos tempos protohistoricos da Lusitania conhecemo-la em grande parte por textos epigraphicos, gravados em aras, cippos, etc., concorrendo tambem outros factos para o conhecimento d'ella, como consta da minha obra, vol. II, pag. 2 ss. São porém esses textos que nos transmittem os nomes dos deuses indigenas.

Os Lusitanos, ao acceitarem a civilização romana, acceitaram do mesmo modo a lingoa, e por isso, nos monumentos de que fallei, os nomes das divindades locaes apparecem escritos com caracteres latinos, e geralmente com terminações alatinadas: assim *Nabia*, nome de uma deusa aquatica, declina-se como os nomes da 1.ª declinação, ou dos themas em *a*-, e faz *Nabiae* no dativo; *Bormanicus*, nome do deus das caldas de Vizella, declina-se como os nomes da 2.ª declinação, ou dos themas em *o*-, e faz no dativo *Bormanico*. O dativo é o caso mais usual em que os nomes se apresentam nas dedicatorias, visto que exprimem complemento indirecto, isto é,

designam as entidades a quem os respectivos monumentos se dedicavam; por exemplo: *deo Endovellico sacrum*, — o que quer dizer "consagração feita ao deus Endovellico„, deus de uma montanha do Alemtejo.

Posto isto, vejamos como é que o Sr. Sanctos Ferreira se avém com as inscripções lusitano-latinas dos nossos deuses.

O seu methodo é muito expedito e cómmodo.

Umas vezes o nosso auctor péga num nome, ainda que claramente indigena, e considera cada letra ou grupo de letras parte integrante de palavras latinas, por exemplo:

AERNO, p. 22, vale para elle por *Ae(quoreo) R(omano) N(eptun)o*; vide o que escrevi supra, pag. 11. Ao que já ahi notei, acrescentarei que NO não póde ser de modo algum abreviatura de *Neptuno*, como o Sr. Ferreira sem provas estatue.

SANCT(O) RVNESO CESIO, p. 20, vale para elle por *sanct(ae) r(e)inves(titae) que ces(ae) Io*, que o Sr. Ferreira traduz por "á santa, readornada mutilada Io„, o que além do insolito *reinvestita*, é absurdissimo, já porque, segundo eu disse acima, pag. 12, se a inscripção fôsse consagrada a Io, havia de estar *Ioni*, já porque na pedra não ha Q, mas O!

ARENTIO, p. 20, vale para elle por *ar(am) e(rigit) n(ymphae) Io*. Vid. o que ácerca da absoluta certeza da minha leitura e do desconchavo de *Io* escrevi supra, pags. 11 e 12.

DEO DOMENO CVSVNEMEOECO, pag. 16, vale para elle por *deo d(edicatum) omen oclis ne me ceco*, latim macarronico, que não entendo, e que ninguem entenderá, comquanto o Sr. Ferreira o traduza: "dedicado ao deus, por ter dito o agouro que eu não ficava cego *dos olhos*„. Por onde anda a syntaxe latina! Se aquillo tivesse alguma traducção, seria: "agouro dedicado ao deus; por ventura aos olhos, estando eu cego?„, — sentido igualmente absurdissimo. *Ne*, na frase que o Sr. Ferreira inventa, só podia ser particula interrogativa enclitica, e não negativa com o valor de *non*, como o Sr. Ferreira julga.

REVELANGANIDAEIGVI, pag. 21, vale para elle por *revelan(ti) Gani(medis) dae(mon)i cui*; o que o Sr. Ferreira traduz "ao espirito descobridor de Ganimedes, ao qual . . „ . Acima, pags. 10-11, demonstrei a exactidão da leitura que apresentei nas *Religiões*. Agora basta notar que só por artes demoniacas é que um lapidario se lembraria de abreviar *daemoni* em *daei*, como o Sr. Ferreira imagina! (E já não fallo do *Ganimedis* por *Ganymedis*, porque a isso não ligaria importancia o meu censor).

Outras vezes modifica os textos, do que já acima, pag. 8, e 12, a outro proposito, dei exemplos. Citarei aqui mais este. Numa inscripção que tem ILIENAICO interpreta o Sr. Ferreira esta palavra por *Ilien(sis) M(aximi) C(onservatoris)*, admittindo um M que lá não está! Não mereceria a pena ter ido ao Museu Ethnologico, onde a pedra se conserva, e examinado o proprio texto? [1]

Outras vezes o Sr. Ferreira, para quem não ha difficuldades, e tudo é agoa corredia, lança mão de textos imperfeitos, que eu prudentemente publiquei como taes, — por isso que as respectivas lapides já não existem, ou não se sabe onde param, — e explica-os ás mil maravilhas, como se póde ver a pags. 11, 13 e 17 do seu folheto. Não cansarei o leitor com a enumeração de tantos desconcertos.

A pag. 23, com relação a um texto em que eu, depois de maduro exame, como consta do meu livro, pags. 246-247, havia lido TONGOENABIAGO ou TONGOE NABIAGO, o Sr. Ferreira desacata a minha leitura, põe um P em vez de T, e interpreta:

[1] A pedra onde existe a inscripção está partida. Restam d'esta duas linhas, BANDI || OILIEN, cuja leitura não tem dúvida nenhuma, e mais a metade superior de uma 3.ª, que, como se vê do desenho das *Religiões*, II, 318, parece ao primeiro exame NCO, mas que só póde lêr-se AICO, para não ficar ENNCO, com letra dobrada entre consoante e vogal. O que lá não ha de maneira nenhuma é M, como o Sr. Ferreira pretende.

Pon(endum) coe(lestis) Nabia(e) co(erarit), do que resulta uma serie de incongruencias: 1.ª) um novo verbo na dedicatoria, quando já antes estava *fecit*; 2.ª) ficar dividida a fórmula usual *ponendum curarit*, ou *coerarit*, que é una e indivisa; 3.ª) termos *coelestis* em vez de *coelesti*. Mais harmonico seria, na hypothese do erroneo P, da absurda repetição do verbo, e mau grado o estilo: *Pon(endum) coe(rarit) Nabia(e) co(elesti)*; ao menos evitaria o Sr. Ferreira a divisão da fórmula, e o erro syntactico do genetivo pelo dativo. — E já ponho de parte *coelesti*, com *oe*, em vez de *caelesti*, com *ae*, que é a boa graphia!

Um dos principaes cavallos de batalha em que o Sr. Ferreira monta é o elemento BAND-, que inicia muitos nomes de deuses lusitanicos; para o explicar serve-se de uma fórmula arbitrária *B(onis) A(uspiciis) N(umini) D(edicatum)*, decifrando o resto com o mesmo arbitrio, como se patenteia do seguinte:

BANDOGE, que é o dativo de *Bandoga*, vale para o Sr. Ferreira, pag. 7, por *b(onis) a(uspiciis* etc. *o(ptimae) CE(reris)*. Nas inscripções do *orbis Romanus* não se encontra, que eu saiba, o epitheto *optima*, applicado a Ceres (encontra-se, por exemplo, *augusta, frugifera, sanctissima)*; o superlativo *optimus* só o conheço applicado a Juppiter; além d'isso o texto tem GE e não CE [1]; o nome de *Ceres*, não se costuma abreviar; e com o mesmo direito com que o Sr. Ferreira lê CE*(reris)*, ou com direito maior, podia ler GE*(nii)*, ou GE*(minorum)*, synonimo de Castor & Pollux. Tudo depõe contra a leitura d'elle!

---

[1] Embora na inscripção esteja GE, o Sr. Ferreira lê CE, porque, diz elle a pag. 8, nota, C e G na epigraphia romana se usavam indistinctamente. Não é tanto assim. Os Romanos não tinham G no seu alphabeto primitivo (Brambach, *Lateinische Orthogr.*, 1868, p. 208 ss.; Édon, *Écriture du latim*, 1882, p. 7 ss.), e representavam por C, tanto a consoante surda, como a sonora, por isso, ainda depois de adoptado o G, o C vale ás vezes G, por exemplo como inicial de *Caius* = *Gaius*, e nas inscripções não raro ha C por G; mas G por C (e é esse o nosso caso) não apparecerá com frequencia fóra das condições verdadeiramente phoneticas, isto é, fóra de palavras em que pela evolução da lingoa o som *c* se mudou em *g*, v. g., *lagrima*, por *lacrima*.

BANDIO, que é o dativo de *Bandius*, vale para o Sr. Ferreira, pag. 8, por *b(onis) a(uspiciis)* etc. *I(ovis) o(ptimi)*, o que, se quanto ao nome e epitheto do pai dos deuses póde á primeira vista parecer acceitavel, é para logo contradicto pela fórmula (vid. infra) e pelo ILIEN*(sis)* que o meu crítico junta, e que não sei que fôsse jàmais applicado a Juppiter em inscripções romanas.

ANDAITIAE F·BANDIARBARIAIBO (á 1.ª palavra addicionou gratuitamente o Sr. Ferreira um B no começo; e na 2.ª tem -BO por -CO: vide supra, pag. 8) valem para o Sr. Ferreira, pags. 9 e 10, por: *b(onis) a(uspiciis)* etc. *A(mmonis) J(ovis) T(onantis) I(mmortalis) Ae(terni) F(undarit)*, e *b(onis) a(uspiciis)* etc. *Iarba(e) r(equietorium) i(nstituit) ai(animo bo(no)*. Nem sei que commentario hei-de fazer a isto! Limito-me a lembrar ao leitor que, quanto á primeira parte, a falta do B na inscripção deita em terra a theoria do Sr. Ferreira, e que, quanto á segunda, o erro de B por C, e a invenção de AI por *animo*, são outros tantos ataques ao castello de cartas, sem fallar no *requietorium*, assim adivinhado por intermedio de uma só letra, apesar da raridade de tal vocabulo!

BANDVE, que é dativo de *Bandua*, como *Bandoge* o é de *Bandoga* (i. é. *Banduae, Bandogae*), vale para o Sr. Ferreira, pag. 12, por *b(onis) a(uspiciis)* etc. *Ve(neris)*. Era tudo muito lindo, se, além do que vou já dizer de BAND-, se encontrasse como abreviatura corrente nas inscripções do *orbis Romanus* a syllaba VE por *VE(neris)*, e se, com igual direito áquelle de que o Sr. Ferreira usa, não pudesse igualmente essa syllaba interpretar-se por VE*(stae)*, por VE*(jovis)*, por VE*(ntorum)*, ou por VE*(rtumni)*, que são outras tantas divindades do pantheon latino! Que valor tem a hypothese do Sr. Ferreira? Nenhum.

Poderá encontrar-se em alguma lista de abreviaturas explicado BA no sentido indicado, e é sem dúvida que avulsamente se encontra N por *n(umen)*, e D por *d(edicavit)* ou *d(edit)*. Mas abreviaturas de letras insuladas não bastam para explicarem um conjuncto de letras seguidas. Um dos principios da Epigraphia é que só devemos interpretar as siglas por palavras que em certas

circumstancias apparecem por extenso. Por exemplo: se com todas as letras se lê numerosas vezes em inscripções religiosas VOTVM SOLVIT LIBENS MERITO, estamos auctorizados a, quando em inscripções da mesma natureza apparecerem as siglas V · S · L · M, as desenvolvermos naquellas palavras. Fóra d'isso, ou de casos em que realmente as dúvidas não sejam grandes, tudo o que se fizer é arbitrario, e mais vale pôr interrogações, ou declarar sinceramente a impossibilidade de interpretar. Onde é que o Sr. Ferreira encontrou por extenso BONIS AVSPICIIS NVMINI DEDICATVM? Ou onde é que me mostra B · A · N · D, com letras separadas por pontos, pois que julga iniciaes de palavras essas letras? Bem sei que os pontos não são essenciaes, mas era natural que ao menos alguma vez elles apparecessem. E dado que, ainda assim, o elemento BAND-, contra todos os dictames da Epigraphia, pudésse interpretar-se d'aquella fórma, restavam adiante outros elementos litteraes inteiramente absurdos, como o famoso *Iarba* de pag. 10, e o *Iliensis* de pag. 8. Logo a explicação de BAND- por *bonis auspiciis numini dedicatum* é erronea e fantastica.

A freqüencia de BAND- nos nomes das divindades justifica-se muito bem. Entre algumas das tribus que povoavam a Lusitania havia elementos ethnicos communs, segundo é sabido; esse caracter de communidade devia reflectir-se nas lingoas, e conseguintemente nos nomes divinos: por tanto a repetição de BAND-, elemento a que não faltam probabilidades de ser celtico [1], póde resultar d'isso. Hoje vemos, por exemplo, a mesma *Senhora do Carmo*, o mesmo *Senhor dos Desamparados*, o mesmo *S. João Bàtista*, venerados em diversos pontos de Portugal, do Norte ao Sul. Na antiguidade aconteciam outros factos semelhantes, como claramente expliquei nas *Religiões*, II, 279, a proposito da palavra *Navia*. E nem sequer era preciso invocar a communidade ethnica das tribus lusitanicas para a justificação de BAND-, já que a existencia d'este elemento no comêço de vários nomes é indubitavel; basta saber ler latim! O Sr. Ferreira é que subverte tudo: onde eu me esfórço por ser minucioso e exacto, procurando utilizar, com a possivel circumspecção, todos os meios de estudo, de modo que apresente na minha obra factos certos, ou, pelo menos, logicamente deduzidos, surge o

[1] Vid. *Religiões*, II, 317.

Sr. Ferreira com as mais extravagantes manias, que levam a crêr que está zombando dos seus leitores.

Ainda a respeito de BAND- notarei que não comprehendo qual o motivo da repugnancia que a essas letras tem o Sr. Ferreira. A Epigraphia e a Litteratura de outros povos antigos ministram-nos nomes começados do mesmo modo: *Bandulia*, nome de mulher, *Bandinus* e *Bandus*, nomes de homem, *Bandritum*, nome de lugar, se lêem no *Alt-celtischer Sprachschatz* de Holder, I 340 e III 798; *Bandusia*, comquanto talvez de outra origem, é o nome de uma fonte-santa italiana, muito célebre, cantada por Horacio na ode 13.ª do livro III dos seus *Carmina*: por ventura *Bandulia*, *Bandus*, *Bandinus* são palavras mais extraordinarias que as nossas *Bandoga*, *Bandua*, ou *Bandius*?

*

Do methodo empregado pelo Sr. Sanctos Ferreira derivam tres notaveis grupos de absurdos, de caracter geral, além dos absurdos parciaes que no decorrer do presente opusculo tenho assignalado:

1.º O Sr. Ferreira, explicando, como quer, os nomes indigenas dos deuses por palavras latinas, estabelece *ipso facto* que os Lusitanos não possuiam deuses. Não dirá o Sr. Ferreira para onde é que expulsou os deuses pre-romanos? *Ubi sunt dii?* Se hoje em Portugal não ha lugarejo, por humilde que seja, onde não se erga um cruzeiro, um nicho, uma capella, onde qualquer santo não receba veneração do povo, não sei por que motivo se ha-de duvidar de que na antiguidade acontecessem factos comparaveis, e existissem portanto entre nós dezenas ou centenas de deuses. A este argumento, tirado da Ethnographia geral, e corroborado brilhantemente pelos textos lapidares, adicionarei o testemunho de auctores classicos que nos fallam dos nossos deuses: de Justino, por exemplo, no liv. XLIV, cap. III, da *Epitome historiarum*, e de Estrabão no liv. III, cap. I, § 4, da *Geographia*. Contrariamente tambem ás ideias do Sr. Ferreira, a Epigraphia de outras regiões da Europa antiga proporciona-nos com abundancia documentos analogos aos da Lusitania. Eis alguns: na Aquitania *Abellioni deo*, *Ageioni deo*, *Arpenino deo*, *Baiosi deo*, *Baicorixo deo*, *deo Basceiandosso*, *Lahe deae*, *Leherenno deo*; na Gallia *deo Brixantu*, *deo Belatucadro*, *deo Blatucairo*, *deo Intarabo*, *Latobio aug(usto)*, *Harmogio aug(usto)*,

Marmogio, Visucio, deo Taranucno, Arduinne, Camulo, deo Mapono, Sironae, deo Alisano, deo Baconi, Bacurdo, Bormano et Borman(ae), Caiiaro, Dullorio, deo Gisaco, Lanoralo, Larrasoni, Letinnoni, Luxorio et Brixiae, Rubacasco et Rubeoni, deo Sinquati, Uxorino, deae Artioni, Onuarae, deae Bibraci, Cantismerte; na Britannia *deo Antenociitico, deo Berganti, deae Brigantiae, deo sancto Cocidio, deo Matuno, deo Moyonti, Verbeiae, deo Vitiri, deo Requalivahano*; na Germania *Alateiviae, deae Buronine, deae Garmangabi, deae Hariasae, Nehalenie, deae Ricagambedae, deae Sandraudigae, Vihansae* [1]. Podia duplicar e triplicar esta lista; mas para que hei-de fatigar a attenção dos leitores?

2.º Ao passo que o Sr. Ferreira me accusa, a pag. 6, de eu por toda a parte descobrir deuses novos, — descobrimentos inconcussamente exactos, — elle, por uma d'estas contradicções vulgares em quem tem manias ou não senhoreia os factos que pretende expôr ao público, dota de extraordinarias divindades a Lusitania: Jupiter Troiano, pag. 9; Iarba ou Jarba, pag. 10; Arethusa, pag. 19; "o espirito descobridor de Ganimedes", pag. 21; o "bom genio de Arachne", pag. 18: divindades que, além do absurdo epigraphico que as gerou, não tem, quanto eu sei, documentação cultual na epoca romana. Se não fôsse isso, talvez eu não estivesse muito longe de admittir a última... porque *Arachne* em grego quer dizer "aranha", e muitas teias d'ella pairam diante dos olhos do Sr. Ferreira!

3.º Armados do elastico methodo que combato, não só interpretaremos cada inscripção por differentes maneiras, senão tambem inscripções portuguesas por palavras latinas, o que tornará bem palpavel a todos a inanidade das doutrinas do meu adversario.

Antes de mencionar exemplos, quero prevenir o leitor de que tal methodo não é invenção do Sr. Ferreira; nem a originalidade lhe pertence! Já em 1852 Lorichs (para não citar senão um auctor) explicava de modo semelhante as legendas das moedas iberi-

---

[1] Vid. H. Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae*, vol. II, pt. 1.ª, Berlim 1902, pag. 200 ss.

cas: uma palavra como PLPLIS, correspondente claramente a *Bilbilis*, nome da cidade em que no sec. I nasceu Marcial, interpreta-a Lorichs como *Prae Positus Pecuniae Publicae INterioris Spaniae* [1]. E nos nossos dias os Lisboetas, quando, numa das *tristes procissões* de que falla o poeta [2], viam fluctuar, por essas ruas além, o pendão dos Passos com S · P · Q · R [3], interpretavam taes letras por muitos modos, e entre elles por *S(enhor) (o) P(ovo) Q(uer) R(epublica)*, ao que, com outra interpretação, o Senhor respondia magestosa, mas inutilmente: *S(ão) P(etições) Q(ue) R(egeito)*. E abundam os casos graciosos como o último. — Continuemos porém com o nosso auctor.

a) **Exemplo de uma inscripção latina interpretada pelo methodo do Sr. Ferreira com palavras diversas das d'elle.** — Seja a palavra BANDOGE, já conhecida dos leitores. O Sr. Ferreira imagina, como sabemos, e como fica refutado acima, pag. 18, que estas sete letras significam *b(onis) a(uspiciis) n(umini) d(edicatum) o(ptimae)* CE*(reris)*. Mas porque é que esta inscripção ha-de referir-se a Ceres, e não a *Ops*, outra deusa da fecundidade agraria? Eu podia, com as ideias do Sr. Ferreira, dar á palavra BANDOGE, e sem, como elle faz, mudar abruptamente G em C, a seguinte interpretação:

b(enevolenti) a(ugustae) n(utrici) d(ivinae) O(pi),
g(enetrici) e(llebori),

"á benevola, augusta, nutridora e divina *Ops*, gèradora do elléboro". O elléboro ou helléboro é uma planta de que na antiguidade se extrahia um medicamento applicavel aos maniacos, como entre outros auctores testemunha Luciano nos *Dialogos dos mortos* [4]; este attributo genetico-vegetal, bem como os epithetos, convem perfeitamente a uma divindade campestre, como *Ops*.

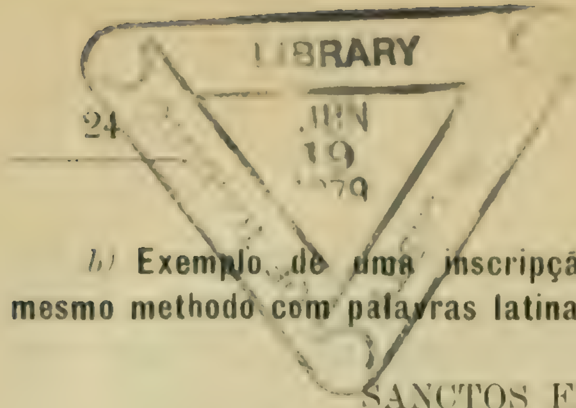
---

[1] *Recherches Numismatiques*, t. I, p. 228. Acerca de *Bilbilis* vid. *Monum. linguae Iberic.* de Hübner, pag. 78.

[2] Gomes Leal, *Claridades do Sul*, Lisboa 1875, pag. 83.

[3] = *S(enatus) P(opulus)q(ue) R(omanus)*.

[4] Ληρεῖς, ὦ Τάνταλε, καὶ ὡς ἀληθῶς ποτοῦ δεῖσθαι δοκεῖς ἀκράτου γε ἐλλεβόρου. Dialogo de Menippo e Tantalo.



b) **Exemplo de uma inscripção portuguesa interpretada pelo mesmo methodo com palavras latinas.** Seja a seguinte:

SANCTOS FERREIRA

que eu interpreto sem difficuldade absolutamente nenhuma por:

S(atorem) a(udacissimum) n(ugarum), c(uius) t(emeritate)
o(mnes) s(tupent),
f(abularum) e(ffrenatissimum) r(epertorem)
r(ei) e(pigraphicae) i(nfestissimum),
R(evelanganitaecus) a(verruncet)!

com a significação de: "o deus lusitano Revelanganitéco afaste para „longe de nós quem semeia frioleiras com tanta audacia e temeri- „dade que toda a gente se espanta, e quem com o maior desafôro „inventa fabulas prejudicialissimas á Epigraphia„.

Poderá algum leitor dizer que estas duas absurdas interpretações não obedecem rigorosamente aos principios proclamados, defendidos e exemplificados pelo Sr. Ferreira? O proprio Sr. Ferreira terá algo que me objectar?

Prophética me parece pois esta sentença que li ha annos na *Rivista di Storia Antica*, v, 397: *chi non è capace di distinguere la ricerca storica e le tendenziose fantasmagorie, dovrebbe mantenersi in un bel silenzio nelle questioni di metodo.*

—

P. S.

Se o Sr. Ferreira me replicar, declaro desde já não ter eu tenção nenhuma de voltar ao assunto, quer porque me parece que deixo bastante esclarecidos os leitores, quer porque, precisando eu do meu tempo para o applicar proficuamente, não posso continuar a desperdiçá-lo em digladiações inuteis com quem não se apresenta em boas condições para a luta.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1913.

Do mesmo auctor:

Religiões da Lusitania, na parte que principalmente se refere a Portugal. Tres volumes:

Vol. I — Lisboa 1897, XL-444 páginas, 112 gravuras e 1 estampa. Preço: 2$500 rs.

Vol. II — Lisboa 1905, XX-375 páginas, 82 gravuras e 2 estampas. Preço: 2$000 rs.

Vol. III — Lisboa 1909-1913, XVIII-638 páginas, 339 gravuras e 2 estampas. Preço: 3$000 rs.

O Archeologo Português, publicado pelo Museu Ethnologico: 17 volumes, Lisboa 1895-1912; no prelo o volume 18.º. Preço de cada um: 1$500 rs.

Lições de Philologia Portuguesa, Lisboa 1911, XXIV-520 páginas. Preço: 2$000 rs.

Textos Archaicos, 2.ª ed., Lisboa 1907-1908, 160 páginas. Preço: 400 rs.

Revista Lusitana, archivo de estudos philologicos e ethnologicos: 15 volumes, Porto e Lisboa 1887-1912; no prelo o volume 16.º. Preço de cada um: 2$400 rs.

Á venda na

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

De A. M. Teixeira

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

LISBOA

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY